

## **Deficientes físicos e internet: um caminho para a inclusão?<sup>1</sup>**

Lian Sulwen Tai<sup>2</sup>

Faculdade de Comunicação

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

### **Resumo**

O deficiente físico apresenta-se como uma das minorias mais atingidas pela exclusão social, em parte considerável devido ao estigma, pelo qual ele se torna diferenciado de modo pejorativo. A internet apresenta possibilidades de inserção social, abrindo possibilidades de encontros entre deficientes ou contatos mistos, em que o corpo é relativizado e não se impõe como uma barreira, perdendo grande parte da visibilidade tida no espaço ordinário. Porém faltam pesquisas que investiguem as apropriações que os deficientes físicos fazem da internet e que verifiquem a significação que esse tipo de relacionamento ganha em suas vidas, para que se responda se as possibilidades abertas pela internet realmente apontam para um caminho de inclusão social.

### **Palavras-chave**

Sociabilidade; internet; inclusão social; estigma.

### **Introdução**

Os deficientes físicos<sup>3</sup> apresentam-se, na sociedade atual, como um dos grupos mais atingidos pela exclusão. Isso ocorre tanto pela falta de adaptação dos espaços físicos, que impede sua livre mobilidade, quanto pelo fenômeno do estigma, pelo qual uma característica o distingue pejorativamente das outras pessoas. Essa distinção faz com que tal característica imponha-se à atenção, desviando-a de outros atributos e impondo-se como barreira ao contato social.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao NP- Tecnologias da Informação e da Comunicação, do VI Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom.

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Comunicação do Estado do Rio de Janeiro, pela linha de pesquisa Novas Tecnologias e Cultura. E-mail: [liantai@hotmail.com](mailto:liantai@hotmail.com)

<sup>3</sup> Atualmente, o termo “deficientes físicos” tem sido substituído pelo politicamente correto “pessoas portadoras de necessidades especiais”. Porém, como constatado em pesquisa anterior, eles se designam pelo primeiro termo. Para os fins deste trabalho, utilizamos, pois, o termo “deficientes físicos” visando a utilizar a própria categoria dos sujeitos pesquisados.

Neste trabalho, buscamos investigar as formas de sociabilidade pela internet como uma forma de inserção social do deficiente físico, tendo em vista as novas configurações sociais surgidas com o advento da internet.

### **O corpo que comunica**

O corpo possui duas atividades: a instrumental e a expressiva. A primeira diz respeito à utilização do corpo para um fim, um aspecto fisiológico. Já a segunda é uma atividade simbólica, que comunica alguma coisa.

Cada sociedade faz uso de seus corpos de maneira diferente e, através deles, comunica-se de forma particular. O corpo é sempre uma representação da sociedade, e suas codificações condensam em si as codificações da organização social. José Carlos Rodrigues explica: “A sociedade não procura somente dar um sentido às secreções e aos componentes da estrutura somática; ela atribui sentido a si própria, por intermédio deles” ( RODRIGUES, 1975, p. 137 ). Portanto as categorizações do corpo são categorizações sociais. Ao pensar o corpo, o homem pensa a própria categoria social.

Ao se estudar o corpo humano, chega-se a um ponto em que há relação íntima entre a natureza orgânica e a natureza social do homem. Neste ponto, estabelece-se um diálogo entre cultura e natureza, pois, a cada motivação biológica, a cultura atribui uma significação especial, em função da qual assumirá determinadas atitudes e desprezará outras ( RODRIGUES, 1975, p. 45 ).

A partir da cultura, o homem atribui sentido ao mundo, o que só é possível porque a própria sociedade é um sistema estruturado segundo determinada lógica. Esta lógica social é introjetada na mente dos indivíduos e projetada sobre o mundo. A cultura cria, assim, seus contornos externos, instituindo seus limites e sua fisionomia. Essa delimitação se dá por oposição ao outro, ao diferente.

Ao se definir e se afirmar, a sociedade imprime sua própria marca nos corpos dos indivíduos. Tais marcas sociais estão presentes nos gestos, nos rituais, nas perfurações e pinturas impressas sobre os corpos. Estes são dotados, pois, de expressividade, revelando a ideologia de seu grupo cultural.

Portanto não há processo exclusivamente biológico no comportamento humano. “A estruturação do corpo reproduz condensadamente a estruturação do mundo, e essa estruturação não pode, sem correr o risco de transgredir os limites que separam categorias diferentes, permitir um largo campo de alternativas sintáticas” ( RODRIGUES, 1975, p. 136). Evitando certos elementos corporais, defende-se a ordem do universo simbólico estruturador. Visto que, em um mundo organizado e equilibrado, cada categoria de coisas deve estar nitidamente diferenciada das demais, a presença de um atributo não esperado representa uma ameaça à ordem social.

### **O corpo estigmatizado**

O termo *stigma* foi criado na Grécia para se referir a sinais corporais com os quais se procurava evidenciar algo sobre o *status* moral de quem os apresentava. Os sinais avisavam que o portador era um escravo, um criminoso ou traidor. Atualmente, o termo é aplicado mais à desgraça do que à sua evidência corporal.

Ervin Goffman ( 1963 ) explica que a sociedade categoriza as pessoas, procurando manter uma lógica e uma ordem. A partir dessas categorizações, a sociedade atribui certas características esperadas nos indivíduos de cada categoria. Essas expectativas transformam-se em rígidas exigências, que só passamos a perceber quando não são correspondidas. O estigma não está na própria deficiência da pessoa. São os valores culturais estabelecidos que permitem identificar quais pessoas são estigmatizadas. A pessoa é estigmatizada, portanto, porque se estabeleceu que ela possui no corpo uma marca que a distingue pejorativamente das outras pessoas.

Dessa forma, uma pessoa que poderia ter sido facilmente recebida na relação social cotidiana possui um traço que pode se impor à atenção e desviar a possibilidade de atenção para outros atributos seus, afastando aqueles que encontra. Porém é necessária uma linguagem de relações, não de atributos, já que uma característica que estigmatiza alguém pode confirmar a normalidade de outrem.

Entretanto o estigma não envolve simplesmente um conjunto de indivíduos concretos, divididos entre normais e estigmatizados. Trata-se de um processo social de dois papéis, no qual cada indivíduo participa de ambos ( GOFFMAN, 1963, p. 149 ). O normal e o estigmatizado são perspectivas geradas em situações sociais durante os contatos mistos, em virtude de normas não cumpridas que provavelmente atuam sobre o encontro. Portanto os atributos estigmatizadores específicos não determinam a natureza dos dois papéis, mas a frequência com que o indivíduo desempenha cada um deles.

### **O deficiente físico e a internet**

Considerando a realidade brasileira, podem-se apontar os deficientes físicos<sup>4</sup> como uma das minorias mais atingidas pela exclusão. Isso ocorre tanto pela falta de adaptação dos espaços físicos, que não permitem sua livre circulação, quanto pelo fenômeno do estigma, que se dá quando uma pessoa apresenta um desvio das características esperadas socialmente. Neste caso, uma pessoa que poderia ter sido facilmente recebida na relação social cotidiana possui um traço que pode se impor à atenção e desviar a possibilidade de atenção para outros atributos seus, afastando aqueles que encontra (Goffman, 1963: 14).

Porém, com o advento das novas tecnologias digitais e com a recente utilização mais ampla da Internet, surgem diversas possibilidades comunicacionais e diferentes formas de sociabilidade, que acabam por alterar, também, nosso campo perceptivo. No ciberespaço,

---

nossa própria condição corporal passa a ser relativizada. Pierre Lévy (1996: 30) fala de um hipercorpo, um corpo híbrido e mundializado por conexões de nosso corpo com outros corpos pelas redes digitais.

O surgimento dessas formas de sociabilidade advindas das novas tecnologias sugere a possibilidade de inclusão social do deficiente físico. Vários teóricos defendem que a Internet pode viabilizar a inserção de minorias sociais. Lévy aponta para um *Espaço do Saber*, em que a comunicação mediada por redes dar-se-ia como integração a um “processo social dinâmico de trocas de saberes” (1998: 28). Diana Domingues defende que “os princípios de exclusão social são diminuídos e transgredidos no ciberespaço” (2003: 32).

A socialização de deficientes físicos através de redes digitais, tanto entre eles quanto com não-deficientes, suscita questões acerca da possibilidade de manipulação de identidades, da formação de comunidades, da suspensão do estigma e da coexistência do deficiente no ciberespaço e no espaço físico.

No ciberespaço, ocorre uma relativização do corpo, já que as relações nele travadas não se dão sob primeira mediação do corpo físico, no sentido de que este não é visível como nas relações travadas no espaço ordinário. As relações sociais que se desenvolvem no ciberespaço são marcadas por sentimentos de partilha e afinidades, diferentemente das relações ordinariamente construídas no espaço físico, que se dão através de pontos em comum como origem ou trabalho.

Esse tipo de relação, que se desenvolve através da internet, abre caminho para novas configurações sociais, em que os contatos se revelam mais efêmeros, embora também possam tornar-se duradouros. Deve-se considerar também que esses relacionamentos podem, ou não, transcender o ciberespaço, permitindo encontros fora da internet.

Se a configuração dos relacionamentos, com o advento da internet, é transformada, tem-se que a própria subjetividade também sofre mutação. Por serem eventos muito novos, ainda

não se sabe de que forma se dá sua significação no contexto social. O que se tem na literatura sobre o assunto consiste em especulações, baseadas nas possibilidades técnicas oferecidas pela internet, mas não nos seus usos.

A internet possibilita o encontro de pessoas que não se encontrariam no espaço ordinário, inclusive de pessoas separadas por longas distâncias. Portanto acaba permitindo a construção de um espaço do saber (Lévy;1996), em que as pessoas, unidas por afinidades, podem discutir e construir idéias conjuntamente. A internet possibilita, então, a formação de comunidades ligadas por interesses em comum. No caso dos deficientes físicos, isso permitiria uma sociabilidade e trocas de experiências, comumente não vivenciadas no espaço ordinário, tanto pela falta de adaptação das estruturas físicas das cidades, quanto pela exclusão causada pela estigmatização.

Se, por um lado, os deficientes físicos têm pouca visibilidade, já que ocupam poucos postos de trabalho e, normalmente, trabalhos em que ficam reclusos, como sendo operadores de *call centers*, por outro lado, enfrentam o problema da extrema visibilidade, por terem corpos desviantes do considerado corpo “normal”. Essa visibilidade faz com que os deficientes fiquem ainda mais reclusos, para evitar o constrangimento causado pelos contatos mistos em situações sociais.

Nesse contexto, a internet apareceria como uma alternativa que possibilitaria contatos sociais em que a “marca estigmatizante” não estivesse imediatamente presente, impondo-se e desviando a atenção dos outros atributos do deficiente. Com as possibilidades oferecidas pela internet, o deficiente poderia, em primeiro lugar, sociabilizar-se por afinidades, não mediado pelas características corporais.

É questionável, entretanto, até que ponto a utilização das formas de sociabilidade viabilizadas pela internet representam uma inserção social. É necessário considerar as relações sociais do indivíduo não só enquanto ele está *on line*, mas em sua vida como um todo. Em casos de deficientes físicos que mantêm relacionamentos através da internet, porém que não os transferem ao seu cotidiano espaço-corpóreo, pode-se dizer que eles

foram inseridos socialmente através das tecnologias digitais? Neste ponto, revela-se a necessidade de realização de pesquisa empírica com os próprios deficientes físicos, para que, com a compreensão de sua maneira de subjetivar seus usos da internet, nos aproximemos de respostas a tais questões.

Verifica-se, também, a importância das associações de deficientes para seu sentimento de pertencimento social. Isso ocorre porque, entre pessoas que compartilham experiências semelhantes, o deficiente físico participa de uma situação social em que a deficiência não o estigmatiza. É preciso levar em conta, aí, que o estigma diz respeito a uma linguagem de relações. Portanto, através das comunidades formadas por deficientes, cada um se sente como pertencente a um grupo. É através destes grupos e microgrupos que o deficiente físico se vê inserido na sociedade.

Considerando-se a importância das associações, cabe investigar se as associações e comunidades de deficientes físicos formadas na internet desempenham funções semelhantes às formadas no espaço ordinário. É necessário investigar se as formas de coletividade criadas aí favorecem a inclusão social.

As possibilidades oferecidas pelas novas tecnologias, especificamente a internet, apontam para caminhos que levariam à relativa inserção social do deficiente físico. Porém as simples facilidades tecnológicas não bastam para que se saiba se essas tecnologias realmente levariam a uma inclusão social. A técnica, em si, não responde aos anseios que se tem a seu respeito. São apenas os usos que se fazem dessas tecnologias que podem resolver as questões a que nos propomos.

Verifica-se, entretanto, que há considerável lacuna no que se refere a pesquisas sobre os usos da internet para a inserção social de grupos minoritários. Como foi dito anteriormente, a literatura que se tem atualmente concentra-se nas possibilidades técnicas, eliminando a dinâmica das apropriações. Sabe-se que as tecnologias não são necessariamente usadas do modo como era previsto, mas que a sociedade se apropria delas de forma dinâmica.

Portanto é apenas investigando tais usos que poderemos ter sinais das possibilidades inclusivas oferecidas pela internet.

## **Conclusão**

A internet aponta para possibilidades de interações sociais que podem contribuir para a inclusão social de deficientes físicos, tendo em vista que a forma de sociabilidade na internet muda a maneira de as pessoas se relacionarem. A internet elimina barreiras físicas, permite o encontro e a formação de comunidades possuidoras de experiências compartilhadas e possibilita encontros em que o corpo físico não é tão visível, sendo, ao menos inicialmente, relegado a segundo plano.

Não se sabe, entretanto, se essa possibilidade de socialização do deficiente físico representaria uma verdadeira inclusão social, tendo em vista que a relativização do corpo efetuada pela internet é uma ideologia que não atinge o mundo físico. Portanto, a significação desse tipo de interação, na apropriação do deficiente em sua vida, considerando ciberespaço e espaço físico como unidade em uma mesma realidade, necessita de investigação.

No que se refere às interações ocorridas na internet, os estudos referem-se às suas possibilidades, mas pouco há sobre seus usos. Verifica-se uma grande lacuna no que se refere às apropriações que são feitas. É mister a realização de pesquisas empíricas que abranjam minorias sociais e seus usos das possibilidades oferecidas pela internet.

## **Referências bibliográficas**

BOTOMÉ, Sílvio Paulo e FERREIRA, Marcos Ribeiro. **Deficiência física e inserção social**. Caxias do Sul: EDUCS, 1984.

DOMINGUES, Diana. **Cibermundos: o corpo e o ciberespaço**. In: Lyra e Santana (orgs.) *Corpo e mídia*. São Paulo: Arte e Ciência Editora, 2003.

GOFFMAN, Ervin. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

JOHNSON, Steven. **Cultura da interface**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

LEMOS, André. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2004.

LEMOS, André. CUNHA, Paulo. **Olhares sobre a cibercultura**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual**. São Paulo: 34, 1996.

\_\_\_\_\_. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. São Paulo: Loyola, 1998.

RODRIGUES, José Carlos. **Tabu do corpo**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1979.

SANTAELLA, Lucia. **Cultura e artes do pós-humano**. Da cultura das mídias à cibercultura. São Paulo: Paulus, 2003.